

O Tico-Tico

J. Roberto Whitaker Penteadado

Tico-Tico é pai e avô de muita gente importante. - Carlos Drummond de Andrade

Gente, não é que passou um centenário importante, em 2005, e nós todos esquecemos! Refiro-me à revista O Tico-Tico, que foi publicada, no Brasil, entre 1905 e 1962. E esse “nós todos”, claro, só se refere a quem tem, pelo menos, 50 anos de idade; pois as minhas filhas e netos só poderiam conhecer o Tico-Tico dos nossos relatos e do belo livro-álbum que Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos acabam de publicar pela Opera Graphica Editora (O Tico-Tico Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil).

O livro – que nasceu na USP - conta como foi publicado, há 100 anos, o primeiro número da revista, pela Sociedade O Malho, do Rio de Janeiro. O Malho era uma revista de crítica, nascida em 1902. (Veja tudo em <http://memoriaviva.digi.com.br/omalho/>) Seu diretor e lançador do Tico-Tico foi Luis Bartolomeu de Souza e Silva – e o nome da pioneira revista infantil era uma alusão às “escolas de tico-tico”, que era como os cariocas chamavam o que hoje conhecemos como jardins de infância.

Sua periodicidade era semanal. Foi a primeira publicação a trazer histórias em quadrinhos, numa época em que essa arte não tinha qualquer reconhecimento por parte da sociedade – nem aqui nem no resto do mundo. Nossa literatura infantil era inexistente; outros 15 anos se passariam até que José Bento Monteiro Lobato se aventurasse a publicar as suas Reinações de Narizinho, em 1921. Sob todos os aspectos, trata-se de uma preciosidade histórica.

No final dos anos 40, quando fiz amizade com O Tico-Tico, já se tratava de uma publicação quarentona, que os meus pais e avós haviam lido – aqueles na infância, estes na juventude – e certamente deliciaram-se com os desenhos de J. Carlos. Deste meu Tico-Tico, guardo lembranças bem específicas, uma delas a da Caixinha do Saber, uma seção só de texto, que trazia informações curiosas e instrutivas. Havia, também, a carta enigmática para decifrar, creio que, hoje, uma arte esquecida. Dos quadrinhos, lembro-me de Chiquinho, Benjamin e o cão Jagunço – que o livro me revelou inspirados no personagem americano Buster Brown, e que a revista manteve em todas as edições durante sólidos 50 anos. Havia o casal Faustina e Zé Macaco, versão escrachada dos também americanos Marocas e Pafúncio... E havia Luiz Sá, um dos maiores caricaturistas brasileiros, que – no Tico-Tico – editava regularmente as aventuras de Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Luiz Sá também ilustrava os noticiários cinematográficos para a cadeia Luiz Severiano Ribeiro – e os seus desenhos, muitas vezes, faziam quase vir abaixo, o cinema, de tanta risada. Muito antes dos Civita, o Tico-Tico publicava “as aventuras do ratinho curioso”: ninguém menos do que o jovem Mickey Mouse. E também o Gato Felix...

No fim do ano, o Almanach do Tico Tico era sempre uma festa – e algum parente ou amigo sempre o trazia para mim, como apreciado presente de Natal.

Tempos ingênuos e marcantes - que esse novo e belo livro está ajudando a resgatar.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. O Tico-Tico. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=195&ID=320>>. Acesso em: 17 ago. 2009.